

Ana Cristina Carmelino
anacrisicarmelino@gmail.com

Karine Silveira
karineletras@bol.com.br

Desnotícia: as escolhas lexicais na construção do efeito de sentido humorístico

Unnews: lexical choices in building humorous sense effects

RESUMO – Este artigo reflete sobre como o léxico, especialmente o que compõe expressões nominais referenciais, atua na constituição de textos humorísticos. Desse modo, buscamos não só mostrar que os processos de seleção lexical, quando aliados a fatores externos ao texto, consistem em uma técnica de gerar comicidade, mas também fornecer um mecanismo eficaz de produção de humor. Para isso analisamos desnotícias, textos cômicos que parodiam notícias e são postados no *site* Desciclopédia, com base na perspectiva sociocognitiva interacional e em algumas teorias do humor (teoria da superioridade, teoria da catarse e teoria da incongruência). Partimos do pressuposto de que o uso do léxico em processos de recategorização referencial consiste em uma atividade discursiva, na qual o sujeito opera sobre o material linguístico fazendo escolhas significativas para expressar suas intenções.

Palavras-chave: léxico, expressão referencial, humor, desnotícia.

ABSTRACT – This article reflects about how lexicon, especially the one that composes referential nominal expressions, acts in the production of humorous texts. Our objectives are to show not only that lexical selection, when linked to text external factors, consists in a humor technique, but also that it supplies an effective mechanism in humor production. In order to do that, we analyze unnews, the humorous texts which parody news and which are posted in the site named Uncyclopedia. The analysis is based on a sociocognitive interactive perspective and on some humor theories (superiority theory, catharsis theory, and incongruity theory). We assume that the use of the lexicon in referential recategorisation processes consists in a discursive activity in which speakers act on linguistic material making significant choices to express their intentions.

Key words: lexicon, referential expressions, humor, unnews.

Considerações iniciais

Iniciemos este texto refletindo sobre as citações que seguem.

(1) O Brasil lança oficialmente nesta terça-feira, às 10 horas, em evento no Museu de Arte Moderna (RJ), a candidatura do País aos Jogos Olímpicos de 2016.

(2) RIO BRANCO, Acre – O Acre lançou oficialmente, em evento no MQNE (Museu Que Não Existe), a candidatura do ~~estado~~ ~~país~~ ~~cidade~~ lugar aos Jogos Olímpicos de 2016.

O excerto (1) é o *lead* da notícia “Brasil lança candidatura para Olimpíada 2016 nesta terça” (Estadão Online, 2008), já o excerto (2), criado, como se vê, a partir do (1), é o *lead* da desnotícia “Acre se candidata a sede da Olimpíada de 2016” (Desciclopédia, 2011a).

Considerando-se o conhecimento que temos sobre notícia, visto consistir em um gênero discursivo corriqueiro, a primeira questão que levantamos aqui é: o que vem a ser uma desnotícia? O fragmento (2) mostra que se trata de uma paródia da notícia publicada, de um texto humorístico.

Todo texto de humor mobiliza em sua constituição determinados recursos, linguísticos ou não, para produzir o efeito de sentido humorístico. Em se tratando da paródia, como é o caso da desnotícia, a técnica principal é a derivação, ou seja, a transformação do texto-fonte a partir de substituições, supressões ou inserções de palavras ou enunciados. Nos termos de Marcuschi (2001), podemos dizer que se trata de um caso de retextualização do texto-fonte, uma vez que há reescrita (reformulação) de um texto escrito (notícia) para outro texto escrito (desnotícia), envolvendo operações de escolhas linguísticas, de acordo com o gênero ou a intenção do autor.

Se analisarmos a produção do humor do *lead* da desnotícia citado (exemplo 2), verificamos que além da mobilização de vários conhecimentos prévios por parte do leitor (como o fato de que a informação veiculada não procede), chamam a atenção duas substituições que alteram o texto-fonte, quais sejam: (i) “Museu de Arte Moderna (RJ)” > “MQNE (Museu Que Não Existe)” e (ii) “a candidatura do País” > “a candidatura do ~~estado~~ ~~país~~ ~~cidade~~ lugar”. Tais construções constituem-se expressões nominais peculiares: funcionam, conforme

defendemos aqui, como gatilho (*punch-line*)¹ na deflagração da comicidade.

Partindo dessas considerações iniciais, este trabalho pretende destacar a importância de se lidar com o léxico, do ponto de vista de sua atuação no texto, mostrando como certas escolhas lexicais, especialmente as que compõem expressões nominais referenciais recategorizadoras, podem funcionar como um mecanismo linguístico de produção de textos de humor, constituindo, portanto, uma técnica humorística eficaz.

O arcabouço teórico adotado para fundamentar as análises de desnotícias, especialmente as que versam sobre o estado do Acre², é a perspectiva sociocognitiva interacional e algumas teorias do humor.

A análise do léxico, mais precisamente o que compõe as formas nominais referenciais que geram humor, insere-se no quadro teórico e epistemológico interacional e sociocognitivo. Partimos, portanto, do pressuposto de que o uso do léxico em estratégias referenciais consiste em uma atividade discursiva, na qual o sujeito, por ocasião da interação verbal, atua sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisas a fim de construir um determinado sentido (cf. Koch, 2009). Nesse sentido, as formas nominais referenciais são vistas, numa perspectiva interativa e sociocognitiva de linguagem, como o fazem Mondada e Dubois (2003) e Apóthélos e Reichler-Béguelin (2003) e os estudiosos da Linguística Textual no Brasil, a saber, Koch (2009), Marcuschi (2008) e Cavalcante (2012).

No que diz respeito à produção do humor, considerando-se as teorias e as técnicas humorísticas, é importante esclarecer que três correntes de pensamento permitem compreender a comicidade presente nas desnotícias, a saber: a teoria da superioridade (Bergson, 1987), a teoria da catarse (Freud, 1905) e a teoria da incongruência (Raskin, 1985). O principal recurso responsável por gerar o efeito de sentido humorístico, como já dissemos, são as escolhas lexicais constantes das expressões nominais referenciais que são usadas para construir o texto parodístico desnotícia. Tais escolhas estabelecem, muitas vezes, o “script do absurdo”.

Como as formas nominais referenciais analisadas aqui são extraídas de exemplos de desnotícias postas por nós em contraposição a notícias, achamos relevante caracterizar a desnotícia e, por consequência, a notícia.

Assim, em termos de composição, este texto se estrutura da seguinte forma: caracterização da notícia e da desnotícia; considerações sobre algumas teorias e recursos que explicam a produção do humor; o processo de refe-

renciação e as formas nominais referenciais; e, por fim, a análise de alguns excertos de desnotícias a fim de elucidar o papel das escolhas lexicais na construção do humor.

Notícia e desnotícia

Para se entender a desnotícia, precisamos recorrer ao conhecimento que temos sobre notícia. De grande importância para a comunidade e o público leitor, ouvinte ou espectador, as notícias buscam relatar “fatos, acontecimentos, informações, recentes ou atuais, do cotidiano, ocorridos na cidade, no campo, no país ou no mundo” (Costa, 2008, p. 141-142). Desse modo, esse gênero discursivo é identificado como fundamentalmente informativo e implica estar, segundo Alves Filho (2011, p. 91), relacionado “à informação nova sobre acontecimentos recentes e relevantes”. Em outras palavras, não se escreve uma notícia sobre um fato ocorrido há mais de uma semana, principalmente porque o avanço dos meios eletrônicos e do fácil acesso à *internet* tem permitido que as notícias sejam publicadas e atualizadas em tempo real. Em função disso, as notícias *online* geralmente apresentam informações sobre o dia e a hora da publicação, dados que podem ou não ser seguidos do dia e da hora da atualização.

Um dado importante sobre a notícia é o suporte que a veicula. Segundo Marcuschi (2008), o suporte é um lugar, físico ou virtual, que tem um formato específico e serve para fixar e mostrar textos de diferentes gêneros. Antes do advento da *internet*, a notícia tinha como suporte físico o jornal e a revista impressos. Hoje, o suporte mais comum a esse gênero é a *internet* (suporte virtual) e vários são os *sites* que podem veicular notícias, sem serem necessariamente *sites* de jornais. Por exemplo, os *sites* UOL, Terra, IG, G1, R7 e a própria Desciclopédia, sobre a qual falaremos mais adiante, veiculam outros conteúdos como *chats*, jogos, *blogs*, dicas, horóscopos. Dada a rapidez e a facilidade de acesso que a *internet* possibilita, percebemos que a notícia impressa chega a ser desatualizada, quando comparada à *online*.

Levando-se em conta as dimensões que caracterizam o gênero discursivo propostas por Bakhtin (2000), a saber, o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo, as notícias, independente do suporte em que são veiculadas, apresentam um padrão de publicação. No que tange ao conteúdo temático, as notícias, cujo propósito comunicativo é veicular informações, não podem inventar os fatos relatados nem tratar de acontecimentos antigos. Em relação à estrutura composicional, a notícia é composta pelos seguintes elementos: título (*headline*), *lead* (resumo da notícia) e parágrafos satélites (detalhes sobre o fato

¹ De acordo com Raskin (1985), *punch-line* é o elemento ou trecho-chave que leva à comicidade.

² As desnotícias usadas como exemplos neste texto fazem parte do *corpus* da dissertação de mestrado de Silveira (2013), coautora deste texto, que foi orientada por Carmelino, autora deste texto.

noticiado). Quanto ao estilo, esse gênero caracteriza-se por ser objetivo-neutro³, estilo comum aos textos técnicos, nos quais se busca neutralizar a presença do falante por meio de um jargão mais objetivo.

Vejamos as características⁴ do gênero notícia retomando, na íntegra, a notícia mencionada nas considerações iniciais deste artigo:

(3) Brasil lança candidatura para Olimpíada 2016 nesta terça (título)

Evento no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, dá o pontapé inicial no 'sonho olímpico' do País. (*lead*)

07 de janeiro de 2008 | 16h 56 (dados característicos da notícia online)

O Brasil lança oficialmente nesta terça-feira, às 10 horas, em evento no Museu de Arte Moderna (RJ), a candidatura do País aos Jogos Olímpicos de 2016. Na apresentação, serão revelados os principais pontos do Questionário de Postulação que será entregue ao Comitê Olímpico Internacional (COI). (*parágrafo satélite*)

No evento, organizado pelo Comitê de Candidatura Rio 2016, estará o ministro interino do Esporte, Wadson Ribeiro, além do presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman, do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, e do Prefeito do Rio, César Maia. (*parágrafo satélite*)

O Brasil espera que a organização dos Jogos Pan-Americanos (entre junho e julho de 2007) ajude na candidatura para receber a Olimpíada. Em 2014, o País já sediará a Copa do Mundo de Futebol da Fifa. (*parágrafo satélite*)

Como já mencionado, a *internet* tem influenciado a publicação de notícias e tem propiciado o surgimento de novos textos a elas relacionados, como é o caso das desnotícias. Elaboradas a partir do gênero notícia, as desnotícias são textos humorísticos que têm como único suporte a *internet*. O serviço que a veicula é a Desciclopédia, *site* humorístico que busca satirizar a Wikipédia (enciclopédia virtual que pode ser editada por seus usuários) tanto em relação a sua estrutura de apresentação (*layout*), quanto aos textos que publica. Além de pertencerem a esse *site*, as desnotícias constituem uma categoria da seção Correlatos, a qual agrega outras categorias, a saber: descionário; deslivros; despoesias; descifras, desentrevistas, descitações, etc. O nome da seção Correlatos, bastante sugestivo, não é proposto ao acaso: os textos ali inseridos baseiam-se em textos reais, conhecidos por boa parte dos leitores.

No caso das desnotícias, os autores da Desciclopédia fundamentam-se em notícias que circulam na mídia,

retexualizando-as e recontextualizando-as, por meio da derivação, em textos humorísticos. A fim de percebermos essa correlação da desnotícia com a sua notícia-fonte, retomemos, agora na íntegra, a desnotícia mencionada no início deste texto:

(4) Acre se candidata a sede da Olimpíada de 2016 (título)

RIO BRANCO, Acre - O Acre lançou oficialmente em evento no MQNE (Museu Que Não Existe), a candidatura do estado país cidade lugar aos Jogos Olímpicos de 2016. (*lead*)

No evento, organizado pelo Comitê de Candidatura Acre 2016, estará o ministro acreano do Esporte, Seu Creysson, além do presidente do Comitê Olímpico acreano (COAC), Doutor Roberto. (*parágrafo satélite*)

O Acre espera que a organização dos Jogos Panamericanos ajude na candidatura para receber a Olimpíada. Em 2014, o estado país cidade lugar já sediará a Copa do Mundo de 2014, de futebol da Fifa. (*parágrafo satélite*)

O estado país cidade lugar já pleiteia os esportes locais para a Olimpíada, como Seringueirismo, que consiste em passar o dia inteiro tirando leite do pau, e a Busca pelo Acre, onde você no Google Maps tenta achar o local. (*parágrafo satélite*)

Fonte: Brasil lança candidatura para Olimpíada 2016 nesta terça.

Conforme se verifica, em termos de estrutura composicional, além de ser um texto menor, a desnotícia fornece a fonte⁵ que motivou sua construção. O propósito comunicativo, o assunto abordado e o estilo, quando comparados à notícia-fonte (exemplo 3), apresentam alteração. A finalidade discursiva da desnotícia é provocar riso, para isso não só desconstrói o fato noticiado anteriormente, substituindo, muitas vezes, objetos de discurso tratados nas notícias e alterando informações sobre eles, como também retrabalha o estilo do texto-fonte a partir da substituição, do acréscimo e da supressão de dados. Fato este responsável pela construção do efeito de sentido humorístico. Nesse sentido, a desnotícia consiste em um novo gênero, que emerge no meio digital.

Convém aqui salientar que, para ser compreendida, qualquer desnotícia mobiliza uma série de conhecimentos prévios por parte do leitor, como: o enciclopédico (quais fatos estão sendo noticiados), o superestrutural (o que vem a ser o gênero notícia e quais suas características) e o linguístico (que estruturas da língua podem ser substituídas como estratégia lógica para manter a coerência do texto). Em função disso, especialmente no que concerne à mobilização de conhecimento de recursos da língua para

³ Segundo Bakhtin (2000, p. 304), o estilo objetivo-neutro concentra-se no objeto de discurso, sendo mínima a expressão do falante. Esse estilo produz uma seleção dos meios linguísticos não só do ponto de vista da sua adequação ao objeto do discurso, mas também do proposto fundo aperceptível do destinatário do discurso, “[...] mas esse fundo é levado em conta de modo extremamente genérico e abstraído do seu aspecto expressivo [...]”.

⁴ Para tornar clara a configuração da notícia, inserimos, entre parênteses e em negrito, no exemplo citado, os elementos que a compõem.

⁵ Mesmo que a fonte não seja explicitada, o que contraria as regras da Desciclopédia para a publicação da desnotícia, é possível recuperá-la por meio de pesquisa na *internet*.

determinada finalidade, consideramos esse tipo de texto um material rico para incentivar o estudo do léxico como um importante mecanismo de produção do humor.

Com base no que expusemos, a análise das desnotícias concentra-se na dimensão estilística do gênero, tendo em vista ser o estilo, conforme propõe Bakhtin (2000, p. 279), uma “seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais”. Aqui, como já esclarecemos, preocupamo-nos especialmente com as escolhas lexicais que compõem as formas nominais referenciais em processo de recategorização, a fim de mostrar como elas podem deflagrar o humor, servindo, portanto, como técnica de construção de textos humorísticos.

A produção de humor: teorias e mecanismos

Como um fenômeno inerente à natureza humana, o humor incita especulações sobre sua produção. Conforme Carmelino (2009a), além de o humor estar presente nos mais diversos gêneros discursivos produzidos e, por isso, assumir um papel necessário e importante em nossa vida, o texto humorístico é capaz de deixar evidente, de uma forma agradável, fatos importantes do funcionamento discursivo dos textos e dos recursos da língua.

Dentre os posicionamentos de diversos estudiosos a respeito de como o humor é produzido, depreendem-se três grandes correntes de pensamento que se configuram em teorias distintas, a saber: teoria da superioridade, teoria da catarse e teoria da incongruência.

A teoria da superioridade defende que o humor constrói-se a partir da superioridade de um indivíduo sobre o outro. É o que se vê na proposta de Bergson (1987), para quem o riso possui um valor corretivo, pois é um meio de a sociedade castigar quem não tem flexibilidade de atitudes para adaptar-se a ela.

Para a teoria da catarse, o humor constitui-se como um instrumento de liberação das tensões psicológicas. Sendo assim, esse fenômeno é responsável por aliviar a *psique* do ser humano das tensões provocadas pelas pressões do meio em que vive. Conforme Freud (1905), representante desta corrente, como o sonho, o riso é uma manifestação inconsciente de prazer, provocando alívio.

Segundo a teoria da incongruência, o humor emerge da desrotinização, ou seja, da quebra de expectativa de algo que é socialmente partilhado. Nesse sentido, o humor é o resultado de uma experiência cognitiva, em que há desarticulação de uma expectativa previamente estabelecida. A abordagem semântica de Raskin (1985) – que prevê a troca do modo de comunicação *bona-fide*

para *non-bona-fide* a partir de um gatilho óbvio ou implícito (*punch-line*)⁶ – está inserida neste grupo. O autor registra que a construção do humor depende tanto de conhecimentos linguísticos, quanto de conhecimentos extralinguísticos (contextuais). Seu modelo parte da noção de *script* (conjunto de conhecimentos existentes na memória coletiva), que está na base da formação do sentido e é evocado pelo léxico da língua⁷.

Embora partam de perspectivas distintas, as teorias mencionadas acima não são excludentes. A análise de desnotícias sobre o Acre mostra a confluência dessas teorias. Por se tratar de um texto humorístico cujo propósito é divertir, o humor presente nas desnotícias pode funcionar para aliviar as tensões do dia a dia (teoria da catarse). Sabendo-se ainda que, na maioria das vezes, o humor é intencional, ele tanto consiste em um instrumento de desrotinização, assentando-se na ruptura do previsível (teoria da incongruência), quanto pode efetivar-se a partir do rebaixamento, da pomenorização, da ridicularização (teoria da superioridade). Ao alterarem o texto-fonte por meio da paródia (retextualização), as desnotícias não só provocam a desarticulação de uma expectativa (rompem com o previsível, com um modelo de mundo instaurado, subvertendo as normas estabelecidas nas notícias), mas também estereotipam o Acre, negando-o como um estado seja pelo rebaixamento, seja pelo apagamento.

Em se tratando dos mecanismos de deflagração do humor, nossas investigações⁸, bem como os estudos que perfilham essa mesma questão, levam-nos a constatar que tais técnicas podem estar relacionadas a fatos de ordem linguística ou não, como é o caso de questões ideológicas, históricas, sociais, cognitivas e culturais; e que a produção do humor, geralmente, é explicada pela mobilização de mais de um recurso.

O caso das desnotícias não é diferente. Além das escolhas lexicais, especialmente as que compõem as expressões nominais referenciais recategorizadoras usadas na construção da paródia, a constituição do humor deve-se a fatores externos ao texto para se realizar, como é o caso do “script do absurdo” e do acionamento de conhecimentos prévios.

A paródia, segundo Cavalcante (2012), é um recurso criativo que surge a partir da transformação de um texto-fonte e visa a atingir diferentes propósitos comunicativos. Um desses propósitos é o humor. Há diversas formas de se construir a paródia. Fonemas, palavras ou até mesmo enunciados inteiros podem ser substituídos, desde que sejam conservados resquícios do texto-fonte. No que diz respeito às desnotícias, é o léxico constante das expressões

⁶ Na proposta de Raskin, o texto começa a ser percebido de uma maneira (não confiável) e termina de outra (confiável), diferente da inicial: “A switch from the *bona-fide* mode of communication to the *non-bona-fide* modo of joke telling” (Raskin, 1985, p. 140).

⁷ “The lexicon of the proposed semantic theory is based on the script. The script is a large chunk of semantic information surrounding the word or evoked by it” (Raskin, 1985, p. 80).

⁸ Cf. Carmelino (2009a, 2009b, 2011a, 2011b), Carmelino e Trentin (2010) Carmelino e Tomazi (2010).

nominais referenciais que é alterado (seja troca, supressão ou acréscimo de palavras), subvertendo o já dito.

O script do absurdo, segundo Travaglia (1992, p. 58), faz parte da própria definição de humor, porque geralmente “é a fuga às evidências estabelecidas”. Desse modo, o absurdo ocorre “quando se contraria o senso comum, o conhecimento comum estabelecido, a razão, escapando a regras ou condições determinadas”.

Os conhecimentos prévios, culturalmente pressupostos como partilhados, referem-se aos diferentes saberes que os indivíduos têm armazenados na memória e que são acionados no processamento textual. Conforme mencionado, esses conhecimentos não são organizados aleatoriamente, mas em forma de modelos cognitivos e podem estar relacionados à língua (linguístico), ao mundo (enciclopédico) e às práticas interacionais (sociointeracionais).

Formas nominais referenciais: em foco as escolhas lexicais

Antes de tratar das formas nominais referenciais e de mostrar a relevância do léxico na construção dessas expressões, é importante comentar brevemente o processo no qual tais formas se inserem: a referenciação.

A referenciação é comumente abordada por duas perspectivas teóricas: (i) a lógica-semântica que, pautada numa concepção de linguagem como uma representação extensional da realidade objetiva, entende a referência como uma forma de representação do mundo; e a (ii) sociocognitiva interacional que, ao conceber a linguagem como uma atividade interativa e sociocognitiva, compreende a referenciação como uma operação discursivamente produzida, na qual os sujeitos constroem objetos de discurso (cf. Mondada e Dubois, 2003; Apothéloz e Reichler-Béguelin, 2003). Este trabalho adota, como já mencionamos, os pressupostos da segunda abordagem.

Para entendermos tais conceitos, é preciso retomar o exemplo do *lead* da desnotícia, excerto (2). O fragmento instaura alguns objetos de discurso (referentes), como, “Rio Branco”, “Acre”, “MQNE”, “Jogos Olímpicos”. Por objeto de discurso devemos entender uma representação construída a partir do texto e apreendida por expressões linguísticas específicas, chamadas de expressões referenciais (cf. Cavalcante, 2012). Tais expressões não são rótulos que designam coisas no mundo, não refletem, portanto, o mundo real; elas são construídas e reconstruídas no interior do próprio discurso levando-se em conta determinadas percepções do mundo, certos propósitos comunicativos. Tanto é verdade que “MQNE (Museu Que Não Existe)” não espelha o mundo real, nem mesmo procede a informação de o “Acre” ser candidato à sede das Olimpíadas de 2016.

É importante assinalar ainda que o objeto de discurso “Acre” é retomado mais de uma vez: quer por meio da repetição do termo já utilizado (“Acre”), quer por meio

de outros itens lexicais que o recategorizam, como “estado país-cidade lugar”. A atividade de construir objetos de discurso e de retomá-los fazendo o texto progredir consiste no chamado processo de referenciação, que geralmente é realizado por sintagmas nominais (palavras ou grupos de palavras cujo núcleo é um substantivo ou um pronome substantivo).

As formas nominais referenciais em português, de acordo com Koch (2009), são comumente compostas de um nome (N) que pode ser acompanhado de um determinante (indefinido, definido ou demonstrativo) ou de um modificador (adjetivo, sintagma preposicional, oração relativa). A seleção do determinante ou do modificador é uma escolha feita pelo produtor do texto de acordo com o(s) efeito(s) de sentido que ele pretende veicular em determinado contexto.

Na constituição dessas formas, o léxico é elemento crucial. É a escolha das palavras que formam as expressões nominais referenciais o elemento responsável por ressaltar propriedades ou fatos relativos ao objeto do discurso, revelar ponto de vista do produtor do texto acerca do objeto e instaurar o humor.

Sem adentrar a fundo em teorias que tratam do léxico, podemos entendê-lo, de forma geral, como o “repertório de palavras de uma língua ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (Antunes, 2012, p. 27-28).

Na abordagem sociocognitiva, que é o que nos interessa aqui, o léxico é definido como “um conjunto de categorias cognitivas e traços derivados que são representados nas palavras por meio da lexicalização” (Castilho, 2010, p. 110). Nessa perspectiva, assim como vimos no processo de referenciação, o léxico de uma língua não se resume ao conjunto de “etiquetas com que se nomeia ou rotula as coisas ao nosso redor” (Antunes, 2012, p. 30), espelhando fielmente o mundo. Embora as palavras – representação linguística de categorias cognitivas que construímos e armazenamos – guardem significados básicos, que constituem o princípio para a derivação de outros significados (próximos, associados, afins), as necessidades interacionais permitem reinventá-las e recriá-las de forma estratégica.

Ao considerarmos o léxico do ponto de vista da textualidade, dois conceitos são de fundamental importância para as relações de sentido que se estabelecem: conhecimento prévio e inferência.

Os conhecimentos prévios são os diferentes saberes que os indivíduos têm armazenados na memória e que são acionados no processamento textual. Segundo Koch (2009, p. 22-24), os conhecimentos prévios não são organizados aleatoriamente, mas em forma de modelos cognitivos e podem estar relacionados à língua, ao mundo e às práticas interacionais. Considerando-se que as informações, em diversos níveis, apenas são explícitas em parte em um texto, as inferências “constituem estratégias

cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo) constrói novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto” (Koch, 2009, p. 27). As inferências “funcionam como hipóteses coesivas” na construção do sentido dos textos, como lembra Marcuschi (2008, p. 249).

Antes de finalizar esta parte, salientamos, juntamente com Antunes (2012), que na análise do léxico do ponto de vista da textualidade, é preciso considerar “os efeitos de sentido decorrentes do uso particular de dada palavra ou expressão” (p. 42). Na verdade, quando propomos refletir sobre o léxico como uma técnica de produção do humor, estamos considerando os efeitos decorrentes da escolha das palavras, ou seja, que “em um texto, uma palavra expressa mais que um sentido; ela serve também à expressão de uma intenção, de um propósito (às vezes, mais de um!)” (p. 43).

O humor na desnotícia: implicações da seleção lexical que compõe formas nominais referenciais

Com base em excertos de desnotícias e notícias-fonte, ilustramos aqui como as escolhas lexicais – especialmente as trocas e as inserções de termos – que formam expressões nominais referenciais recategorizadoras constituem um mecanismo de se produzir humor. Acreditamos que essa versatilidade do léxico nos permite reforçar a importância de se lidar com esse conteúdo, do ponto de vista de sua atuação no texto, incitando o estudo e a confecção de textos humorísticos por meio das formas nominais referenciais.

Há de se ressaltar, no entanto, que embora a expressão nominal referencial seja o mecanismo do *punch-line* – elemento linguístico chave que leva à comicidade, como nos diz Raskin (1985) –, a produção do humor como um todo nas desnotícias depende também de fatores externos ao texto, ou seja, das relações que tais expressões estabelecem com o contexto de produção.

No primeiro exemplo de excerto de desnotícia citado neste texto (exemplo 2), destacamos que as construções “MQNE (Museu Que Não Existe)” e “a candidatura do estado-país-cidade lugar” – que substituem e recategorizam respectivamente “Museu de Arte Moderna (RJ)” e “a candidatura do País” (na notícia correspondente, exemplo 1) – são responsáveis pela deflagração do humor no texto parodístico. Observemos, agora mais detalhadamente, como cada uma dessas formas nominais escolhidas gera humor.

A expressão nominal “MQNE” é uma sigla criada a partir da combinação das letras iniciais da sequência de palavras “Museu Que Não Existe”. Uma espécie de abreviação. De acordo com Freud (1905), uma das técnicas de construção de chiste é a invenção verbal, que se refere à criação de novos vocábulos, geralmente pela abreviação ou condensação. O humor, neste caso, deve-se ao fato de o objeto de discurso instaurado (MQNE) denotar, pela forma como é linguisticamente expresso, sua própria inexistência (Museu Que Não Existe); o que estabelece o script do absurdo.

A construção “a candidatura do estado-país-cidade lugar” consiste em uma expressão nominal referencial que remete indiretamente ao objeto de discurso Acre, recategorizando-o, a partir da seleção lexical e do uso do recurso tachado⁹, como um “não estado”, um “não país”, uma “não cidade”, mas como “um lugar”. O humor, neste caso, deve-se à escolha lexical que busca rebaixar/anular/apagar o estado de duas formas diferentes. Uma delas pode ser apreendida quando são expostas ao leitor três possíveis recategorizações do Acre (“estado-país-cidade”), mas todas são negadas – sugestão inferida pelo recurso “tachado”. A outra é o fato de o Acre ser, ao final, recategorizado como “lugar”: um hiperônimo, termo genérico e vago que mostra a posição que o estado ocupa no país (Brasil), segundo a Desciclopédia. Ao discutir a comicidade de palavras, Bergson (1987, p. 57) afirma que o risível pode estar atrelado “à estrutura da frase e à escolha das palavras”. No caso em questão, ao reduzirmos o Acre a algo inespecífico, as escolhas lexicais, além de gerarem humor, revelam um ponto de vista sobre o estado.

Vejamos outros casos. Em:

(5) No mapa do Brasil que servia como ponto de partida para as matérias sobre as cidades, Rio Branco, a capital do Acre, foi apontada na região onde de fato está localizado o estado de Roraima.

(6) No mapa do Brasil que servia como ponto de partida para as matérias sobre as cidades, Rio Branco, a “suposta” capital do Acre, foi apontada na região onde de fato está localizada.

o excerto (5) é parte da notícia “Fifa comete gafes ao apresentar cidades candidatas a receber jogos da Copa-2014” (Globo Esporte Online, 2009). Já o excerto (6), fruto da notícia (5), faz parte da desnotícia “FIFA comprova o óbvio: o Acre não existe!” (Desciclopédia, 2011b).

Ao compararmos os exemplos, chama-nos a atenção, na desnotícia, a expressão nominal “a ‘suposta’ capital do Acre” que substitui e recategoriza “a capital do Acre”. Sabendo-se pelo conhecimento de mundo que Rio Branco, de fato, é a capital do Acre, a desnotícia busca, por meio da inserção do adjetivo em itálico e entre aspas

⁹ O recurso do Word conhecido como “tachado” – que consiste em desenhar uma linha no meio de sílaba – palavra ou texto, pode gerar (ou sugerir) diferentes efeitos de sentidos, como apagamento, erro, rebaixamento.

(“suposta”), desconstruir o “construído” (nesse caso o conhecido), ou seja, pôr em dúvida o fato de Rio Branco ser a capital do Acre. É o adjetivo “suposta” (destacado em itálico e entre aspas) que funciona, nesse caso, como gatilho do humor. A escolha lexical e a formatação criam um efeito de sentido de saliência e instauram o script do absurdo: levam o termo “suposta” a dizer, nas entrelinhas, que “Rio Branco” não é a capital do Acre, porque é “fictícia”, “irreal”, não existe.

No exemplo abaixo, assim como no caso que acabamos de analisar, a derivação da forma nominal referencial, no processo de retextualização – que, conforme Marcuschi (2001, p. 48), “se trata de uma ‘tradução’, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua” – não se dá pela troca, mas, sim, pela inserção de novos termos. Vejamos:

(7) Cientistas da ESA, a agência espacial européia, confirmaram nesta quarta-feira a existência de raios elétricos na atmosfera do planeta Vênus.

(8) RIO BRANCO, Acre - Cientistas vagabundos e desocupados da ESA, a agência espacial européia, confirmaram nesta quarta-feira a existência do 26º Estado Brasileiro, o Acre, na região da Amazônia.

A notícia a que se refere o excerto (7) é “ESA confirma existência de raios elétricos em Vênus” (Portal Terra, 2007). Já a desnotícia correspondente (excerto 8) é “ESA confirma existência do Acre” (Desciclopédia, 2011c). O fato de a desnotícia ser atualizada por internautas muito tempo depois de a notícia-fonte ter sido publicada é uma outra característica peculiar desse tipo de gênero.

Em se tratando das expressões nominais referenciais que provocam o humor em função de determinada escolha lexical, destacamos dois casos no exemplo (8): “Cientistas vagabundos e desocupados da ESA” e “a existência do 26º Estado Brasileiro, o Acre”.

A primeira delas, “Cientistas vagabundos e desocupados da ESA”, é formada pela inserção de dois adjetivos (“vagabundos” e “desocupados”) que recategorizam o objeto de discurso “Cientistas da ESA”, instaurado em (7). A nova opção léxica no processo de retextualização, ou seja, a escolha de dois adjetivos sinônimos, postos, portanto, numa relação de equivalência, é responsável tanto por gerar o efeito de sentido humorístico no fragmento (pela depreciação, rebaixamento), quanto por reiterar um ponto de vista sobre a descoberta do Acre. Esta é vista como algo sem valor, inútil.

Assim, por “Cientistas vagabundos e desocupados da ESA” infere-se que somente pessoas que não têm nada para fazer (“vagabundos e desocupados” = pessoas vadias, ociosas) perdem tempo investigando a existência do Acre. Ademais, convém salientar, pela ativação dos conhecimentos de mundo e linguístico, que os atributos “vagabundos e desocupados” não são aplicáveis à profissão de cientista, visto que esses especialistas chegam a

ser considerados alienados pela extrema dedicação a suas pesquisas. Nesse sentido, a expressão contraria o conhecimento comum estabelecido e, pelo script do absurdo, provoca o humor.

Na segunda expressão, “a existência do 26º Estado Brasileiro, o Acre”, ocorrem trocas lexicais, uma vez que as formas “o 26º Estado Brasileiro, o Acre” substituem “raios elétricos”. O humor, neste caso, é gerado pelo fato de a expressão “o 26º Estado Brasileiro, o Acre” afirmar o óbvio, algo que já faz parte do conhecimento prévio da sociedade brasileira.

Em síntese, a comicidade deflagrada no excerto (8) é fruto do acréscimo de informações que recategorizam negativamente “os cientistas da ESA”, bem como das trocas lexicais que reafirmam algo que todos já sabem. Isso comprova, mais uma vez, que as escolhas lexicais na composição das expressões referenciais e os processos de recategorização são um recurso de construção do humor: seja por depreciar algo, seja por tratar do óbvio.

Para mostrar que a substituição de termos na expressão nominal referencial é algo constante na produção de desnotícias e do humor, vejamos um último caso:

(9) Nos oceanos de uma lua a centenas de milhões de quilômetros do sol, algo complexo pode estar vivo - neste momento.

(10) LOCAL DESCONHECIDO, Fronteira Brasil-Bolívia - Nos oceanos de um suposto lugar chamado Acre, a ~~mais de oito mil~~ centenas de milhões de quilômetros do sol, algo complexo pode estar vivo neste momento.

Ao substituir “uma lua”, a expressão nominal “um suposto lugar chamado Acre”, presente na desnotícia “Acre pode abrigar vida, dizem cientistas” (Desciclopédia, 2011d), é um dos elementos que retextualiza (e recontextualiza) a notícia “Oceano da lua de Júpiter pode abrigar vida, dizem astrônomos” (Portal Terra, 2009). Nesse caso, o humor se instaura pela relação metafórica estabelecida entre “lua” e “Acre”, lugares que estão a “centenas de milhões de quilômetros do sol” e podem abrigar, “neste momento”, “algo complexo” e “vivo”. Além da relação estabelecida sugerir, pelo conhecimento prévio que se tem de “lua”, que o Acre é um “satélite de um planeta qualquer”, o adjetivo “suposto” coloca em dúvida a existência do estado. Esse ponto de vista sobre o Acre, que foge às evidências estabelecidas (script do absurdo), é constante na Desciclopédia.

A partir das análises feitas aqui, verificamos que a seleção lexical em estratégias referenciais consiste em uma atividade discursiva, na qual o sujeito opera sobre o material linguístico para expressar suas intenções e instaurar o humor.

Considerações finais

Neste texto, buscamos refletir, a partir da análise de excertos de desnotícias e notícias-fonte, sobre uma das

funções do léxico na construção textual, qual seja: que certas escolhas lexicais, especialmente as que compõem as expressões nominais referenciais recategorizadoras, podem atuar, aliadas a fatores externos ao texto, como um recurso linguístico de produção de textos de humor.

As análises feitas permitem-nos, portanto, chegar às seguintes conclusões sobre a seleção lexical que compõe tais expressões:

a) ela deflagra o humor porque rompe com o previsível, desarticula uma expectativa: quer instaurando o script do absurdo, rebaixando (depreciando, anulando), quer recorrendo ao óbvio;

b) ela revela um ponto de vista sobre o objeto do discurso que recategoriza: no caso do Acre (e de outros objetos de discurso analisados), é nítido como a opção léxica visa à construção de estereótipos pela depreciação, negação, rebaixamento.

Se nos processos de retextualização há, conforme Marcuschi (2001), um tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas, visando geralmente a uma maior formalidade do texto reformulado, no caso das desnotícias, texto de humor aqui explorado, a intenção é outra: as substituições e inserções visam a transformar um texto sério em um texto humorístico.

Pretendemos, com isso, não só mostrar a importância de se lidar com o léxico, do ponto de vista de sua atuação no texto, mas, também, incitar o estudo e a confecção de textos humorísticos a partir das formas nominais referenciais recategorizadoras.

Referências

- ALVES FILHO, F. 2011. *Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental*. São Paulo, Cortez, 168 p.
- ANTUNES, I. 2012. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo, Parábola, 176 p.
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. 2003. Construção dos objetos do discurso: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). *Referênciação*. São Paulo, Contexto, p. 17-52.
- BAKHTIN, M. 2000. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, p. 261-306.
- BERGSON, H. 1987. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro, Guanabara, 105 p.
- CARMELINO, A.C. 2009a. O texto humorístico: construção de sentido. In: VIDON, L.; LINS, M.P.P. *Da análise descritiva aos estudos discursivos da linguagem: a linguística no Espírito Santo*. Vitória, PPGEL, p. 105-122.
- CARMELINO, A. C. 2009b. As dicas-piadas do Casseta & Planeta: denúncia e liberação. In: LINS, M.P.; CARMELINO, A.C. *A linguagem do humor: diferentes olhares teóricos*. Vitória, UFES, p. 21-35.
- CARMELINO, A.C.; TOMAZI, M.M. 2010. Referênciação, argumentação e humor. In: PERNAMBUCO, J.; FIGUEIREDO, M.F.; SILVA, A.C.S. *Nas trilhas do texto*. Franca, Universidade de Franca, p. 107-136.
- CARMELINO, A.C.; TRENTIN, R.C. 2010. A construção do humor em “frases engraçadas” veiculadas em Os Vigaristas. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 9, Palhoça, SC. RAUEN, Fábio José (Org.). *Anais do 9º Encontro do CELSUL*. Palhoça, Ed. da Unisul, p. 1-10. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Ana%20Carmelino.pdf>. Acesso em: 20/10/2012.
- CARMELINO, A.C. 2011a. Referênciação: recurso linguístico de deflagração do humor. In: *Anais do XII Simposio Internacional de Comunicación Social*, Santiago de Cuba, Cuba, p. 29-33.
- CARMELINO, A. C. 2011b. Linguagem e acontecimento: o efeito de humor nos gêneros textuais da revista MAD. In: ALFAL - Congreso Internacional de Linguística y Filología de la América Latina, XVI, Alcalá de Henares, *Anais...* p. 1-11.
- CASTILHO, A.T. de. 2010. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 768 p.
- CAVALCANTE, M.M. 2012. *Os sentidos do texto*. São Paulo, Contexto, 176 p.
- COSTA, S. R. 2008. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte, Autêntica, 183 p.
- DESCICLOPÉDIA. 2011a. Acre se candidata a sede da Olimpíada de 2016. Disponível em: http://desciclopedia.ws/wiki/Desnot%C3%ADcias:Acre_se_candidata_a_sede_da_Olimp%C3%ADada_de_2016. Acesso em: 05/08/2012.
- DESCICLOPÉDIA. 2011b. FIFA comprova o óbvio: o Acre não existe! Disponível em: http://desciclopedia.ws/wiki/Desnot%C3%ADcias:FIFA_comprova_o_%C3%B3bvio:_o_Acre_n%C3%A3o_existe! Acesso em: 15/08/2012.
- DESCICLOPÉDIA. 2011c. ESA confirma existência do Acre. Disponível em: http://desciclopedia.ws/wiki/Desnot%C3%ADcias:ESA_confirma_exist%C3%Aancia_do_Acre. Acesso em: 15/08/2012.
- DESCICLOPÉDIA. 2011d. Acre pode abrigar vida, dizem cientistas. Disponível em: http://desciclopedia.ws/wiki/Desnot%C3%ADcias:Acre_pode_abrigar_vida_dizem_cientistas. Acesso em: 15/08/2012.
- ESTADÃO ONLINE. 2008. Brasil lança candidatura para Olimpíada 2016 nesta terça. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,brasil-lanca-candidatura-para-olimpiada-2016-nesta-terca,105507,0.htm>. Acesso em: 05/08/2012.
- FREUD, S. 1905. Os chistes e sua relação com o inconsciente – versão online. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/bJy62fN/Freud-Obras-Completas-Volu.html>. Acesso: 10/01/2011.
- GLOBO ESPORTE ONLINE. 2009. Fifa comete gafes ao apresentar cidades candidatas a receber jogos da Copa-2014. Disponível em: http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Selecao_Brasileira/0,,MUL1050135-15071,00FIFA+COMETE+GAFES+AO+APRESENTAR+CIDADES+CANDIDATAS+A+RECEBER+JOGOS+DA+COPA.html. Acesso em: 15/08/2012.
- KOCH, I.V.G. 2009. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo, Martins Fontes, 190 p.
- MARCUSCHI, L.A. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, Cortez, 133 p.
- MARCUSCHI, L.A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, Parábola, 296 p.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. 2003. In: M. M. CAVALCANTE.; B. B. RODRIGUES; A. CIULLA (orgs.). *Referênciação*. São Paulo, Contexto, p. 17-52.
- PORTAL TERRA. 2007. ESA confirma existência de raios elétricos em Vênus. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI2109245-EI301,00.html>. Acesso em: 15/08/2012.
- PORTAL TERRA. 2009. Oceano da lua de Júpiter pode abrigar vida, dizem astrônomos. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/noticias/0,,OI4134137-EI238,00-eano+da+lua+de+Jupiter+pode+abrigar+vida+dizem+astronomos.htm>. Acesso em: 15/08/2012.
- RASKIN, V. 1985. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht & Boston, Reidel, 283 p.

- SILVEIRA, K. 2013. *Desnotícias sobre o Acre: a construção do humor e de identidades sociais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 142 p.
- TRAVAGLIA, L.C. 1992. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Leitura: Estudos linguísticos e literários*, 5:42-79.

WIKIPÉDIA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 17/08/2012.

Submetido: 05/02/2013
Aceito: 01/11/2013

Ana Cristina Carmelino

Universidade Federal do Espírito Santo
Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário
Goiabeiras, 29075-910, Vitória, ES, Brasil

Karine Silveira

Universidade Federal do Espírito Santo
Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário
Goiabeiras, 29075-910, Vitória, ES, Brasil